

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - II - PSICOLOGIA E QUESTÕES SOCIAIS

**A NORMATIZAÇÃO DA VIDA E O APAGAMENTO DA EXISTÊNCIA NAS
ESTRUTURAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS**

Carolinne Renke Brandão Pantoja Vaz (carolinnerenke@gmail.com)

Sândalo Krishna Madeira Ventura (sandalomadeira@gmail.com)

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente como os processos de normatização presentes nas estruturas sociais contemporâneas influenciam a relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com sua própria existência. Trata-se de um ensaio teórico de orientação fenomenológico-existencial, fundamentado principalmente nas contribuições de Heidegger acerca da impessoalidade e da perda de si, e de Kierkegaard sobre o desespero e o tornar-se si mesmo, articuladas à compreensão literária dos conflitos da existência presentes em Dostoiévski.

As estruturas sociais contemporâneas operam por meio da redução da complexidade humana, estabelecendo padrões que favorecem previsibilidade, adaptação e reconhecimento social. Nesse contexto, o sujeito passa a ser compreendido a partir de categorias, títulos, funções ou definições que frequentemente obscurecem sua história, singularidade e profundidade existencial. A vida social tende à imediatidade, enquanto formas de existência

que escapam aos modelos dominantes encontram dificuldades para serem reconhecidas em sua legitimidade.

A análise desenvolvida indica que a busca por pertencimento e validação social frequentemente conduz à adequação a parâmetros impessoais. Nesse movimento, o indivíduo pode afastar-se de sua própria experiência para corresponder às expectativas socialmente estabelecidas. A aceitação passa a depender da conformidade, enquanto a singularidade é progressivamente substituída por modelos considerados desejáveis ou corretos. Como consequência, a diversidade das experiências humanas tende a ser reduzida a formas homogêneas de existência, produzindo alienação, sofrimento e dificuldades no reconhecimento das diferenças.

Sob essa perspectiva, a normatização da vida revela um paradoxo. Ao mesmo tempo em que promove integração social, pode contribuir para o enfraquecimento da relação do sujeito consigo mesmo, favorecendo experiências de angústia, desenraizamento e perda de sentido. Conclui-se que a padronização das formas de vida tensiona os próprios ideais de democracia, justiça social e diversidade ao condicionar o reconhecimento do sujeito à adequação a expectativas previamente estabelecidas. Nesse sentido, a possibilidade de ruptura emerge da relação crítica com a própria experiência. É preciso duvidar de tudo, inclusive dos referenciais que se apresentam como universais e legítimos, abrindo espaço para formas de existência que preservem a singularidade humana e a pluralidade das maneiras de ser.

Palavras-chave: saúde mental; subjetividade; normalização; justiça social; existência.